

Marcos 10.35–45: Aprendendo a servir

O discípulo de Jesus aprende que a verdadeira grandeza não está em ocupar posições de destaque, mas em servir, seguindo o próprio Cristo, que entregou sua vida em favor de muitos.

Objetivo

Mostrar que Jesus redefine completamente a ideia de grandeza e liderança, formando discípulos que abandonam a busca por posição e aprendem a servir os outros à semelhança do próprio Senhor.

Mensagem central

O discípulo aprende a servir quando abandona a lógica da grandeza baseada em posição e assume a lógica do Reino, tendo em Cristo o modelo e a fonte de uma vida entregue pelos outros.

Introdução

Grande parte das disputas humanas nasce da necessidade de ocupar um lugar de importância. Queremos ser reconhecidos, consultados, lembrados, promovidos e

considerados indispensáveis. Essa busca pode aparecer de maneira explícita, mas também pode assumir formas muito mais religiosas. Podemos desejar o púlpito mais importante, a maior igreja, o cargo de maior responsabilidade, o reconhecimento dos irmãos ou simplesmente a sensação de que nosso trabalho é indispensável para o Reino de Deus.

O problema não está apenas na ambição por coisas grandes. O problema está em utilizar as coisas de Deus para alimentar a nossa própria grandeza. É possível transformar ministério em plataforma, liderança em status e serviço cristão em mecanismo de reconhecimento. Nesse caso, continuamos trabalhando para o Reino, mas já não estamos necessariamente vivendo segundo a lógica do Rei.

Marcos 10.35–45 apresenta justamente esse conflito. Tiago e João se aproximam de Jesus e fazem um pedido extraordinário: querem ocupar posições de honra quando Cristo chegar à sua glória. Eles enxergam o Reino, mas ainda o interpretam através das categorias de poder e prestígio que dominam o mundo.

Jesus não responde simplesmente dizendo que eles estão sendo ambiciosos demais. Ele aproveita a oportunidade para reconstruir diante deles a própria definição de grandeza. O discípulo precisa aprender que, no Reino de Deus, grandeza não é subir acima dos outros, mas descer para servi-los.

E Jesus não ensina isso apenas por meio de uma teoria. Ele aponta para si mesmo. O último versículo da passagem apresenta a chave de interpretação de todo o texto: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. O discipulado cristão chega aqui a uma de suas marcas mais profundas. O discípulo precisa aprender a servir porque está seguindo um Senhor que veio servir.

Jesus não está simplesmente ensinando boas maneiras ou incentivando humildade genérica. Está formando uma comunidade cuja lógica de grandeza será completamente diferente da lógica do mundo. O texto nos mostra três movimentos fundamentais dessa formação.

Narrativa e contextualização

O episódio ocorre enquanto Jesus e seus discípulos estão a caminho de Jerusalém. Marcos apresenta esse caminho como uma trajetória cada vez mais clara em direção à cruz. No capítulo 8, Jesus começou a anunciar abertamente seu sofrimento, morte e ressurreição. Em Marcos 9, repetiu esse anúncio. Agora, imediatamente antes do episódio que estamos estudando, Jesus anuncia novamente que será entregue, condenado, morto e ressuscitará.

Entretanto, os discípulos continuam demonstrando dificuldade para compreender o significado do caminho de Jesus. Essa tensão é essencial. Jesus está pensando em sofrimento e entrega; Tiago e João estão pensando em tronos e posições. Jesus está caminhando para a cruz; eles estão discutindo sobre quem ficará mais próximo de sua glória.

O problema não é que os discípulos tenham uma expectativa completamente errada acerca do Reino. Eles acreditam que Jesus é o Messias e esperam sua manifes-

tação gloriosa. O problema está na maneira como compreendem essa glória. Eles ainda imaginam o Reino através das categorias de poder que conhecem.

O pedido de Tiago e João revela isso: “Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda”. Eles não estão simplesmente pedindo para participar do Reino. Estão pedindo os lugares de maior honra.

Michael J. Wilkins, em seu trabalho sobre discipulado, chama atenção para o fato de que os discípulos dos Evangelhos estão em processo de formação. Eles já responderam ao chamado de Jesus, mas ainda precisam ter suas concepções profundamente transformadas. Seguir Jesus não significa que todas as categorias anteriores desaparecem imediatamente. O discipulado envolve justamente esse processo de reeducação da vida segundo a realidade do Reino.

É nesse ambiente que Jesus conduz seus discípulos a uma compreensão radicalmente diferente de grandeza.

Jesus não destrói o desejo de grandeza simplesmente dizendo aos discípulos para não desejarem grandeza. Ele redefine a própria grandeza. Em seu Reino, o caminho para cima passa pelo serviço, a autoridade passa pela entrega e a liderança passa pela disposição de colocar a própria vida em favor dos outros.

1. O discípulo precisa abandonar a grandeza construída sobre posição — Marcos 10.35-40

Tiago e João chegam a Jesus com uma confiança impressionante: “Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir”. Eles não apresentam inicialmente o pedido. Primeiro procuram obter uma espécie de autorização antecipada. Jesus pergunta: “Que quereis que vos faça?”. Então eles revelam sua ambição: “Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda”.

A linguagem de direita e esquerda representa posição de honra e proximidade do governante. O pedido mostra que os discípulos ainda compreendem o Reino em termos de hierarquia de prestígio. Eles não estão pedindo

apenas participação na missão. Querem destaque dentro dela.

A ironia narrativa é impressionante. Jesus acabara de anunciar que seria entregue, morto e ressuscitaria. Eles respondem ao anúncio da cruz com uma negociação por posições. Essa é uma das razões pelas quais o discipulado precisa trabalhar não apenas o comportamento, mas os desejos que estão por trás do comportamento. Podemos fazer coisas aparentemente corretas e ainda possuir motivações profundamente autocentradas. É possível servir para ser visto, pregar para ser admirado, liderar para ser reconhecido e produzir muito para construir uma reputação. Externamente, a atividade pode parecer semelhante à de um servo; internamente, entretanto, a pessoa pode estar procurando um trono.

Bonhoeffer percebeu com profundidade esse problema ao tratar da comunidade cristã. O desejo de controlar, possuir ou moldar os outros segundo nossa própria imagem ameaça a própria natureza da comunhão cristã. O discipulado não consiste em construir uma comunidade ao redor do ego do líder, mas em permitir que

Cristo seja o centro e que os discípulos sejam formados segundo ele.

Jesus confronta os dois irmãos perguntando: “Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?”. O cálice e o batismo, nesse contexto, apontam para o sofrimento que Jesus está prestes a enfrentar. Tiago e João respondem: “Podemos”. A resposta demonstra novamente que eles ainda não compreendem completamente o caminho do Messias. Estão dispostos a participar da glória, mas ainda precisam aprender o significado do sofrimento que acompanha o caminho de Jesus.

Jesus não nega que seus discípulos sofrerão. Afirma que beberão do cálice. Mas esclarece que os lugares de honra não são distribuídos segundo a lógica de autopromoção: “Quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo”. A questão não é simplesmente quem ocupará determinado lugar. A questão é que os discípulos estão tentando definir sua grandeza através da posição que ocuparão.

O discipulado começa a confrontar esse impulso quando aprendemos que nossa identidade não depende de estarmos acima de alguém. O Reino de Deus não é uma escada na qual cada degrau representa uma oportunidade para deixar outras pessoas para trás. Não somos chamados a seguir Jesus para conquistar uma posição que nos faça maiores diante dos outros. Somos chamados a seguir aquele que, sendo Senhor, voluntariamente se colocou no caminho do serviço.

Essa verdade precisa alcançar especialmente a liderança cristã. Uma posição ministerial pode ser necessária para organizar a vida da igreja, mas posição não é sinônimo de grandeza espiritual. O título pode indicar responsabilidade; não pode produzir caráter. O discipulado precisa ensinar homens e mulheres a distinguir autoridade de status. A autoridade pode ser recebida de Deus para servir aos outros. O status procura utilizar os outros para afirmar a própria importância.

Jesus não condena toda forma de liderança. Ele próprio estabelece líderes, envia apóstolos e concede autoridade. O que ele confronta é a compreensão da lideran-

ça como privilégio pessoal. O discípulo precisa aprender a perguntar não apenas “Que posição posso ocupar?”, mas “Como posso servir melhor?”.

2. O discípulo aprende uma nova definição de grandeza — Marcos 10.41-44

Quando os outros dez discípulos ouvem o pedido de Tiago e João, ficam indignados. A reação deles poderia parecer inicialmente mais espiritual, mas o contexto sugere outra possibilidade: eles também desejavam posições de destaque. A indignação talvez não venha porque consideraram o pedido errado, mas porque Tiago e João chegaram primeiro.

Jesus então reúne os discípulos e estabelece um contraste: “Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim”. Essa frase é uma das mais importantes para uma teologia bíblica da liderança. “Entre vós não é assim”. Jesus reconhece que existe uma lógica de poder no mundo. Governantes exercem autoridade, estruturas são

organizadas e pessoas ocupam posições superiores. O problema não é simplesmente a existência de autoridade. O problema é transformar autoridade em dominação.

No Reino de Deus, Jesus estabelece outra lógica: “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos”. Ele não destrói o desejo de grandeza. Ele o redireciona. A verdadeira grandeza não está em conseguir que outras pessoas sirvam você. Está em tornar-se disponível para servir outras pessoas.

Christopher J. H. Wright ajuda a compreender essa inversão quando trabalha a missão de Deus a partir da própria identidade e caráter do Senhor. O povo de Deus não é chamado simplesmente para receber privilégios da aliança, mas para participar da missão de Deus no mundo. A identidade recebida de Deus cria responsabilidade em favor dos outros. A bênção recebida deve se transformar em instrumento de bênção.

Esse princípio aparece também no discipulado. Quem foi formado por Cristo não pergunta apenas o que Cristo pode fazer por ele. Começa a perguntar como sua vida pode ser utilizada por Cristo em favor de outras pessoas. A expressão “servo de todos” é particularmente forte. Jesus não está dizendo apenas que o discípulo deve ajudar ocasionalmente aqueles que considera dignos de sua atenção. O horizonte do serviço é amplo. Servir significa estar disposto a colocar dons, tempo, conhecimento, recursos e autoridade a favor do bem de outros.

Isso pode significar que um pastor prepara cuidadosamente uma mensagem não para demonstrar sua capacidade, mas para alimentar o povo de Deus. Pode significar que um professor de teologia dedica tempo a um aluno que ainda não compreendeu determinado conceito. Pode significar que um líder abre espaço para alguém mais jovem crescer. Pode significar que um cristão maduro acompanha alguém que está atravessando uma fase difícil. Pode significar simplesmente realizar uma tarefa que ninguém verá.

O serviço cristão é frequentemente invisível. E justamente por isso ele revela muito sobre o coração. Quando fazemos alguma coisa somente se houver reconhecimento, talvez ainda estejamos negociando com o mesmo espírito de Tiago e João. Quando estamos dispostos a servir mesmo sem aplauso, começamos a compreender a lógica de Jesus.

Bonhoeffer também nos ajuda aqui porque sua compreensão da comunidade cristã rejeita uma espiritualidade centrada na satisfação das expectativas pessoais dentro da igreja. O irmão não existe para atender às minhas necessidades de reconhecimento. O serviço cristão começa quando consigo olhar para o outro não como instrumento da minha realização, mas como alguém por quem Cristo morreu.

Isso muda a dinâmica de uma comunidade. O discípulo que aprende a servir deixa de perguntar continuamente quem deveria fazer determinada tarefa e começa a perceber onde existe uma necessidade que pode ser atendida. Não porque precise carregar todas as respon-

sabilidades, mas porque já não considera indigno realizar aquilo que não produz prestígio.

Jesus não está ensinando uma forma religiosa de inferioridade. Está formando pessoas livres da necessidade de provar seu valor através da posição. O servo não precisa transformar cada atividade em demonstração de importância porque sua identidade está em Cristo.

3. O discípulo serve porque segue o Servo que deu a própria vida — Marcos 10.45

Chegamos ao centro da passagem: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Tudo aquilo que Jesus ensinou anteriormente encontra aqui seu fundamento. Ele não diz simplesmente: “Vocês devem servir porque servir é uma virtude”. Aponta para sua própria missão: “Não veio para ser servido, mas para servir”.

Essa declaração é extraordinária porque está nos lábios daquele que é o Filho do Homem. Em Marcos, Jesus é o Messias, o Filho de Deus e aquele que possui autoridade. Ainda assim, sua autoridade manifesta-se através

do serviço. Aqui encontramos uma das maiores inversões do evangelho. O Senhor serve. O Rei entrega sua vida. Aquele que possui autoridade sobre todos coloca sua própria vida em favor de outros.

O serviço cristão só pode ser compreendido corretamente quando contemplamos Cristo. Não servimos simplesmente porque o serviço é uma técnica eficaz de liderança. Não servimos para construir uma reputação de humildade. Não servimos para conquistar a aprovação de Deus. Servimos porque pertencemos àquele que veio servir.

A segunda parte do versículo aprofunda ainda mais o argumento: “dar a sua vida em resgate por muitos”. A palavra “resgate” traduz *lytron*, termo associado ao preço pago para libertar alguém de uma condição de escravidão ou cativeiro. A imagem aponta para uma ação de libertação realizada em favor de outros.

Jesus não está apenas dizendo que sua vida será um exemplo de altruísmo. Está interpretando sua morte como uma entrega com significado redentor. É aqui que o

discipulado precisa permanecer inseparavelmente ligado ao evangelho.

Se retirarmos a cruz de Marcos 10.45, o texto pode ser transformado em uma simples aula sobre liderança servidora. Poderíamos produzir executivos mais humildes, gestores mais empáticos e líderes religiosos mais acessíveis. Mas isso ainda não seria o centro do texto. Jesus não veio apenas ensinar-nos a servir. Veio dar a sua vida em resgate por muitos.

A cruz não é simplesmente o maior exemplo de serviço. É a obra redentora pela qual Cristo salva pecadores. Michael Wilkins é especialmente útil nesse ponto porque sua abordagem do discipulado no Novo Testamento ajuda a manter unidos os dois elementos que frequentemente se separam: seguir Jesus e participar de sua missão. O discípulo não apenas admira o Mestre; entra no caminho definido por ele. Mas esse caminho só pode ser seguido porque primeiro fomos alcançados pela obra do próprio Cristo.

Essa ordem é essencial. Não somos salvos porque servimos. Servimos porque fomos salvos. Não carregamos nossa cruz para pagar nossa dívida diante de Deus. Cristo pagou aquilo que jamais poderíamos pagar. Não damos nossa vida para comprar o amor de Deus. Entregamos nossa vida porque fomos amados pelo Filho que entregou a sua por nós.

A graça, portanto, não diminui o serviço. Ela o liberta da necessidade de autopromoção. Quando o discípulo sabe que sua aceitação diante de Deus não depende de sua posição, ele pode servir sem precisar ser reconhecido. Quando sabe que Cristo deu sua vida por ele, pode dar tempo e energia pelos outros. Quando sabe que sua identidade está em Cristo, pode permitir que outra pessoa cresça sem sentir que sua própria importância está ameaçada. Quando sabe que a cruz é o centro da sua salvação, pode abandonar a busca por pequenos tronos.

Essa é uma das grandes diferenças entre liderança cristã e liderança construída segundo os valores do mundo. A liderança cristã não é ausência de autoridade; é autoridade submetida ao propósito de servir. Jesus

continua sendo Senhor. Mas sua autoridade não é exercida para autopreservação. É exercida para salvar, formar, proteger, corrigir, enviar e entregar vida.

Por isso o discipulado precisa formar servos que saibam exercer autoridade sem transformar autoridade em domínio. O pastor serve ao rebanho. O professor serve aos alunos. O pai serve à família. O líder serve às pessoas que Deus colocou sob sua responsabilidade. O cristão serve à igreja e ao próximo. Em todos esses contextos, o modelo permanece o mesmo: Cristo.

O objetivo não é produzir pessoas que tenham prazer em ocupar o último lugar simplesmente porque o último lugar parece mais espiritual. O objetivo é formar pessoas que estejam tão seguras em Cristo que possam ocupar qualquer lugar necessário para servir, seja uma posição de liderança ou uma tarefa que ninguém percebe. Essa é a liberdade do servo.

O Evangelho e o Messias no texto

Marcos 10.45 apresenta uma das declarações mais densas sobre a missão de Cristo nos Evangelhos. Jesus

interpreta sua própria missão à luz de uma entrega sacrificial: “dar a sua vida em resgate por muitos”. O pano de fundo bíblico inclui a linguagem de libertação e resgate presente no Antigo Testamento e encontra especial ressonância na figura do Servo sofredor de Isaías. O Filho do Homem não alcançará sua glória ignorando o sofrimento. Sua glória passa pela entrega.

Isso é exatamente o que os discípulos ainda não conseguiam compreender. Eles queriam a direita e a esquerda; Jesus falava do cálice. Eles queriam glória; Jesus falava de entrega. Eles pensavam em posição; Jesus falava em serviço. Eles pensavam em ser servidos; Jesus falava em dar a vida.

O evangelho revela que a verdadeira grandeza de Cristo não é diminuída por sua humilhação. Sua humilhação faz parte do caminho pelo qual manifesta sua glória redentora. Filipenses 2 desenvolve essa mesma lógica: Cristo, sendo em forma de Deus, humilhou-se, assumiu a condição de servo e foi obediente até a morte de cruz. Depois, Deus o exaltou soberanamente.

A ordem do evangelho é diferente da ordem da ambição humana. O mundo diz: suba, seja grande. Cristo desce para servir. O mundo procura preservar a própria vida para alcançar grandeza. Cristo entrega a própria vida para salvar outros. E a ressurreição demonstra que a cruz não foi derrota. O Servo crucificado é o Senhor ressuscitado.

É desse Cristo que o discípulo aprende a servir. Isso significa que a ética cristã não pode ser separada da cristologia. Não perguntamos simplesmente: “Que tipo de líder devo ser?”. Perguntamos primeiro: “Quem é o Cristo que estou seguindo?”.

Quando contemplamos aquele que deu sua vida em resgate por muitos, nossa compreensão de serviço muda. O serviço deixa de ser estratégia para parecer humilde e passa a ser expressão de amor. Deixa de ser mecanismo de autopromoção e passa a ser fruto da graça. Deixa de ser uma ferramenta de liderança e passa a ser uma forma de imitar o Senhor.

O discipulado alcança sua maturidade quando o discípulo começa a reproduzir não apenas algumas ações de Jesus, mas a lógica do próprio Cristo: receber de Deus para entregar-se aos outros.

Conclusão

No início desta passagem, Tiago e João queriam lugares de honra. Jesus estava caminhando para a cruz. Eles pensavam em quem estaria à direita e à esquerda; Jesus estava pensando em dar sua vida em favor de muitos.

Essa diferença revela o problema que o discipulado precisa enfrentar. Podemos seguir Jesus e ainda carregar dentro de nós uma definição de grandeza que pertence a outro reino. Jesus, porém, diz: “Entre vós não é assim”.

No Reino de Deus, grandeza não é a quantidade de pessoas que precisam de você. É a disposição de servir as pessoas que Deus colocou diante de você. Grandeza não é ser visto. É permanecer fiel quando ninguém está olhando. Grandeza não é ocupar a posição mais elevada. É usar a posição recebida para o bem dos outros. Gran-

deza não é fazer com que os outros sirvam você. É tornar-se servo de todos.

Mas acima de tudo, a grandeza cristã nasce da contemplação de Cristo. O Filho do Homem não veio para ser servido. Veio para servir. E não serviu apenas oferecendo tempo, palavras ou recursos. Ele deu a própria vida em resgate por muitos.

É por isso que o discípulo pode servir sem transformar o serviço em moeda de troca. Cristo já deu sua vida. Nossa salvação não precisa ser comprada. Nossa identidade não precisa ser construída. Nossa importância não precisa ser provada. Podemos simplesmente servir.

Esse é o discípulo que Jesus deseja formar: alguém suficientemente seguro na graça para não precisar de um trono, suficientemente transformado pelo evangelho para não tratar pessoas como instrumentos de sua própria grandeza e suficientemente centrado em Cristo para colocar sua vida à disposição do Reino.

Porque, no fim, o discípulo não é chamado simplesmente a aprender a fazer coisas que Jesus fez. Ele é

chamado a aprender a viver segundo a lógica daquele
que deu a vida por ele.